

## «CONHECEREIS A VERDADE, E A VERDADE VOS LIBERTARÁ» (Jo 8,32)

### Uma história que continua

## Palestra

por Fabio Colombo

Bom dia! Bem-vindos! Espero que vocês tenham “sobrevivido” à introdução de ontem à noite, e ousa até esperar que lhes possa ter sido útil, que tenha começado a despertar o sono da razão caso estivesse meio entorpecida para alguém, que tenha começado a despertar o tônus muscular da liberdade de vocês, caso estivesse meio enfraquecida. Espero que tenha começado a fazer o coração bater tal como ele “exige”, caso estivesse endurecido, começado a dissipar um pouco a névoa dos pensamentos e, principalmente, a dar a vocês ainda mais fome e sede de adentrar neste Tríduo, porque hoje, entre esta meditação matinal e o gesto imponente da Via Sacra da tarde, teremos grande abundância de comida e água. Ontem à noite entivemos mais na beira do gramado, ainda entre o vestiário, o túnel, o banco e o aquecimento, mas hoje entramos em campo e vamos jogar a grande partida!

Também espero que ontem à noite, no ônibus e no hotel, vocês tenham se ajudado a manter o silêncio, a favorecer o diálogo e a iniciativa que o Mistério tomou com cada um de vocês, guardando no coração perguntas e intuições que apareceram (e que depois poderão ser partilhadas esta noite na retomada no hotel e repropostas amanhã de manhã na assembleia) e, enfim, espero também que tenham tido um bom sono reparador, sem trocas de mensagem até a meia-noite, pois a noite foi criada pelo bom Deus para podermos dormir na santa paz, depois de termos percorrido o dia e termos contemplado os sinais da salvação, da Sua Presença (alguns rostos que encontraram, intuições que tiveram, o próprio desejo de mudar e de converter-se, o fato de ter recebido uma visita gratuita, a caritativa, o perdão do Pai que recebemos no sacramento da Reconciliação, por exemplo); como é tranquilizador rezar as Completas, com o Cântico de Simeão: «Deixai, agora, vosso servo ir em paz, conforme prometestes, ó Senhor. Pois meus olhos viram vossa salvação, que preparastes ante a face das nações: uma Luz que brilhará para os gentios».<sup>1</sup> E pode ser que, ontem à noite, alguns de nós tenham caído no sono felizes, finalmente felizes, inesperadamente felizes, como uma criança nos braços da mãe, da Santa Mãe Igreja, porque reconheceram-se a si mesmos como parte de um povo e de um Corpo, desta história que continua hoje abraçando-nos.

Esta manhã, gostaria de dividir o tempo à disposição (*κρόνος*, cronos) em dois tempos (*καιρός*, kairós), que refletem as duas partes do tema abordado neste Tríduo.

Então, força e coragem, não estamos contando historinhas: «Jesus Cristo, minha filha, não veio para nos dizer frivolidades. / Bem vê, ele não fez a viagem de vir à terra, / grande viagem, convenhamos, [...] não fez a viagem de descer à terra / para nos vir contar gracinhas / e fantasias»!<sup>2</sup> Jesus respondeu a Pilatos: «“Eu nasci e vim ao mundo para isto: para dar testemunho da verdade. Todo o que é da verdade, escuta a minha voz”. Pilatos lhe disse: “O que é a verdade?”»<sup>3</sup> Pilatos estava com Ele na sua frente, mas estava ocupado com outras “prioridades”... »

<sup>1</sup> Cf. Lc 2, 29-32.

<sup>2</sup> Ch. Péguy, *O pórtico do mistério da Segunda Virtude*, Lisboa: Grifo, 1998.

<sup>3</sup> Jo 18,37-38.

»

## Primeiro tempo - «Conhecereis a verdade»

### 1. A perda do gosto de viver

Para começar, queria mencionar uma poesia de Cesare Pavese, um grande escritor, poeta, tradutor e crítico literário italiano, que nos legou, através de seus escritos, a expressão do que ele experimentou na sua própria vida, a saber, todo o drama que a existência não lhe poupou; por causa disso sentimos uma grande afinidade com ele. Logo em seguida vamos entrar no tema deste Tríduo, sobre a *dinâmica do conhecer*; portanto, sobre a possibilidade de sermos alcançados e possuídos pela verdade e, no segundo tempo, depois de três cantos, sobre o seu “efeito”: *fazer-nos livres, tornar-nos livres*.

Como não temos tempo e este nem é o lugar para isso, vou oferecer aqui, só nos pontos mais importantes a fim de contextualizar, alguns fatos da breve existência (42 anos) de Cesare Pavese, que nasceu em 1908 numa família rica de Turim, perdeu precocemente o pai e viveu ainda criança os eventos catastróficos da Primeira Guerra Mundial. Dois amigos seus, jovens como ele, se suicidaram, e ele mesmo pensou em fazer o mesmo quando moço. De fato, no dia 28 de agosto de 1950 ele também tiraria a própria vida. Mas uma coisa chama atenção, porque foi o ano em que Pavese foi consagrado como grande escritor, recebeu o Prêmio Strega, um mês antes, no dia 14 de julho de 1950. Contudo, ele anotou: «Voltei de Roma, já faz tempo. Em Roma, apoteose. E daí?»<sup>4</sup>

No dia 22 de março de 1950, poucos meses antes, ele tinha composto o poema *Virá a morte e terá os teus olhos*:

«Virá a morte e terá os teus olhos –  
esta morte que nos acompanha  
desde a manhã até a tarde, insone,  
surda, como um remorso antigo  
ou um vício absurdo. Os teus olhos [*o olhar de quem nos circunda, dos amigos, dos pais, dos professores, dos irmãos, da televisão, das redes sociais...*]  
serão uma palavra vã [*como num filme mudo, falam, movem a boca, mas é como se eu fosse surdo, são como um fundo indiferente, não chegam até nós, são apenas sons vazios...*],  
um grito calado, um silêncio [*tudo se move ao nosso redor, mas nada é colhido e interceptado, evitamos o impacto, o choque do real faria explodir um berro que, em vez disso, é abafado no silêncio... tudo cala*].

Assim tu os vês toda manhã  
quando te inclinas sobre ti mesma [*quando te preparas para sair, te preparas para o exterior, mas dentro... como está o coração? Que perguntas o habitam? Será levado a sério? Encontrará descanso?*]  
no espelho. Ó querida esperança [*um anseio, um vislumbre permanece... mas vai se apagando*],  
naquele dia também viremos a saber  
que és a vida e és o nada [*trágica conclusão!*].  
Para cada um a morte tem um olhar.

Virá a morte e terá os teus olhos.  
Será como abandonar um vício,  
como ver no espelho

»

<sup>4</sup> C. Pavese, “14 de julho de 1950”, in Idem, *O ofício de viver*, Lisboa: Relógio d’água, 2004, p. 379.

- » ressurgir uma face morta,  
como escutar um lábio fechado.  
Desceremos mudos ao turbilhão». <sup>5</sup>

O que estamos discutindo esta manhã – como vocês podem ver – não é um mero falar, nem mais uma coisa “já ouvida”! Alguns de vocês compartilharam relatos de estudantes, de colegas da própria escola ou pessoas de suas cidades que tiraram a própria vida ou, pelo menos, consideraram fazê-lo; não faz muito tempo, a mídia divulgou a notícia de uma jovem que encontraram enforcada nos banheiros de uma universidade em Milão. Vocês entendem que, se as perguntas de ontem à noite não encontrarem uma resposta, se não encontrarem um ponto de conexão, se nunca tiverem um porto de chegada, o ser humano não poderia viver, literalmente! Ao telefone com uma de vocês, foi-me contado que um amigo estava indeciso sobre inscrever-se ou não no Tríduo, porque ele quer respostas verdadeiras, pontuais e concretas, não apenas “enrolação”, deixando a pergunta “em aberto”; nós nos importamos tanto com a resposta quanto nos importamos com a pergunta! Certamente, não nos interessam respostas superficialmente relacionadas à realidade ou pré-fabricadas, assim como perguntas apenas artificiais. Mas se nunca tivéssemos uma resposta verdadeira e não verificássemos sua relevância e adequação para a nossa vida, nos arrastaríamos pela existência como se estivéssemos sufocando, talvez entre uma bebida e outra (equivocadamente, sem perceber o quão grave e prejudicial isso é!), entre um gole e outro (como se fosse uma moda comum que “no fim das contas, está tudo bem”), entre consumir um relacionamento e outro (desfrutando e usando as pessoas como instrumentos para benefício próprio, em vez de amar, honrar e respeitar), de emoção em emoção (saltando a etapa da razão e do coração, do juízo sobre o que se vive), como uma vida que, na verdade, já é um arrastar-se numa agonia lenta. Porque, apesar do instinto biológico de autoconservação, o ser humano é o nível da natureza que se torna consciente de si mesmo e da realidade, e se ele não compreende o significado, se a vida não tem significado, então não há vida, que vida é?! Viver ignorando as grandes questões que surgem da vida, como isso é possível!? E quando a razão, sendo uma necessidade incontrolável de uma resposta, fica bloqueada em seu dinamismo cognitivo, ressoando como uma doença autoimune, concluindo que “és a vida e és o nada”, que até mesmo os olhos da amada e do amigo são “nada”, que as palavras são “palavras vãs”, e que essa “esperança”, talvez despertada exatamente por essas realidades, não cumpre a promessa, então tudo se transforma em resignação, desespero, e o que mais resta? A não ser ficar mudo e afundar silenciosamente no abismo, naquele abismo em que, na verdade, já estávamos. A doença espiritual das últimas duas décadas, meus queridos, é precisamente a perda do prazer de viver, do significado da vida, como discutimos ontem à noite, mas não porque a gente não se diverte, não viaja, não pratica esportes, não ganha dinheiro, não vai a shows... mas porque não conhece o significado de viver e se arrasta, de um entretenimento para outro, como um anestésico para a dor, como uma festa que, ao terminar, nos deixa vazios e desanimados... exatamente como estávamos antes daquela mordida de “vida”, imersos num fluxo lento e sem propósito da existência! Mas que tipo de vida é essa!?

Um de vocês escreveu:

*Estou num momento meio estranho da minha vida. Estou saindo de um período de “apatia”, de monotonia, em que nada me surpreendia e eu não queria me surpreender. Eu nem mesmo percebia que estava vivendo: acordar era sempre uma luta, na escola tudo era monótono, até mesmo entre amigos; eu não sentia nada, tudo era indiferente e insignificante »*

<sup>5</sup> C. Pavese, *Virá a morte e terá os teus olhos*. Tradução de Trad. Cláudia Alves e Elena Santi. São Paulo: Jaboticaba, 2022.

» para mim. Por um tempo, deixei tudo e todos em banho-maria, para evitar problemas e situações inconvenientes. Eu sabia que o que eu estava fazendo estava errado, às vezes eu me lembrava disso, mas vamos admitir, era tudo mais confortável: não ficar com raiva, não se sentir mal com as coisas, não ficar triste, insatisfeita, etc. Em poucas palavras, não experimentar emoções, eu era um robô. Agora, é o oposto para mim. Não sei bem o que aconteceu, mas me fizeram entender que não podemos pausar nossa vida, não é realmente possível, na verdade, devo vivê-la da maneira mais verdadeira e intensa possível. Agora sinto dentro de mim a necessidade de completar algo. Vivo de uma espera. Há um vazio (a espera) que precisa ser preenchido continuamente, é infinito; quando você acha que o preencheu, surge um abismo mais profundo do que antes, porque o homem no fundo sempre quer mais. É um aumento contínuo, sempre aumentando. O desejo cresce e quase te arruína. Estou esperando por algo que não sei, talvez por Alguém. Tudo isso me deixa com uma sensação de incompletude e vazio, que se transformou numa ansiedade constante que me persegue.

Então, o que estamos prestes a dizer, o que estamos dizendo, mesmo que nos próximos minutos possa parecer complexo (mas vocês são inteligentes e nós os admiramos por sua inteligência e desejo de compreender, de mergulhar cada vez mais na vida, em toda a sua complexidade)<sup>6</sup> é extremamente útil, serve como ajuda e apoio na jornada que vocês estão destinados a percorrer, porque o que nos interessa (acredito que também interesse muito a vocês!) é viver de verdade, e não apenas existir! Portanto, precisamos nos ajudar a refletir, a parar por um momento, a pensar, a aprender: *intellectus cogitabundus initium est omnis boni*, como Giussani costumava repetir!<sup>7</sup>

## 2. A dinâmica do conhecimento: das coisas reais às coisas *mais* reais (*a realibus ad realiora*)

A dinâmica do conhecimento é aquela à qual estamos agora nos referindo, ou seja, o acontecimento do encontro entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido, entre o eu e a realidade, entre mim e o microfone, entre você e seu amigo; vocês vão trabalhar amplamente com isso ao longo do ano, retomando mais profundamente esse capítulo da existência no trabalho da “Escola de Comunidade – Raio” sobre *O senso religioso*,<sup>8</sup> não há nada – na minha humilde opinião – nada mais útil do que *O senso religioso* para estabelecer as bases, para compreender a gramática; mas a gramática não pode ser mastigada por outros adultos e apresentada a vocês como uma papa pronta. O alfabeto deve ser aprendido em primeira pessoa, para aprendermos a escrever. Agora, portanto, mencionamos isso, mas apenas para os nossos propósitos!

A realidade não é plana ou imutável, mas possui “três dimensões” e “uma voz” interior, um ponto de fuga! Não é nada, como acreditam os niilistas, isso seria uma aporia! Eu começaria assim. A realidade existe! E é um sinal! Nossa razão, que nos diferencia dos outros seres criados pertencentes ao mundo mineral, vegetal e animal, nosso intelecto é feito para penetrar na realidade (*intus-legere*, ler por dentro), para investigar, para explorar até onde ela nos conduz (como um investigador que coleta pistas e reconstrói a cena até identificar o autor do crime; ou o médico que, com base nos sintomas, formula uma hipótese de doença e »

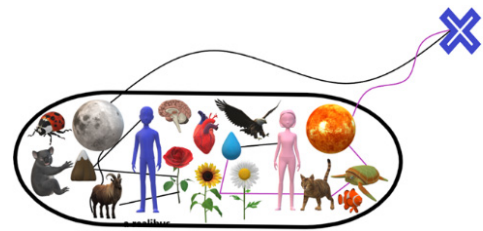
<sup>6</sup> «Ao menos potencialmente, a educação deve ter como alvo introduzir o homem na realidade total» (L. Giussani, “Introduzione alla realtà totale. Il rischio educativo”, Quaderni, suplemento de *Litterae Communionis-Tracce*, n. 4, 2006, p. 5). «Não estou aqui para que vocês considerem como suas as ideias que eu lhes transmito, mas para lhes ensinar um método verdadeiro para julgar as coisas que eu lhes direi» (L. Giussani, *Educar é um risco*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, p. 16).

<sup>7</sup> Cf. L. Giussani, *O senso religioso*, Jundiaí: Paco, 2017, p. 136.

<sup>8</sup> L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit.

» um plano de tratamento para o paciente); este é o dinamismo que traímos, interrompendo-o ou não aproveitando toda a sua potência; a razão é uma necessidade de conhecimento, compreensão e consciência da realidade na totalidade (!) de seus fatores, o conhecimento pode ser descrito como um encontro entre nossa energia humana de conhecimento e a realidade a ser conhecida...<sup>9</sup> a realidade é dada, como um grande, um imenso presente, de *Alguém* para comunicar a *alguém*! Se há um copo aqui, é porque alguém o pôs aqui; então, o dinamismo da razão me leva a perguntar: “quem foi que o pôs aqui?”, a ser grato a quem teve a cortesia e a gentileza de o pôr aqui. Se há um copo aqui, evidentemente alguém o pôs, então, minha razão, ao vê-lo, pergunta: quem o pôs? e, portanto, do “dado” se volta para o “doador”, do dom para o doador.

Ouçam o que disse Soloviev, filósofo, teólogo, poeta e crítico literário russo: «Não quis acreditar neste mundo ilusório. Sob a rude crosta do ser material, toquei o púrpura imarcescível e reconheci o esplendor da divindade. [...] Eu vi tudo, e tudo fazia Um».<sup>10</sup> Mas outra pérola igualmente iluminante nos é dada por Pavel Florenski: «O fato de existir no mundo o *incógnito* não era, como eu entendia, uma condição transitória da minha mente que ainda não tinha conhecido tudo, mas uma peculiaridade substancial do mundo. O desconhecido é a vida do mundo. Por isso era meu desejo conhecer o mundo na medida mesma em que, em última instância, é desconhecido, sem violar seu mistério, mas espiando-o. E o símbolo era espiar o mistério. Pois o mistério do mundo não é ocultado pelos símbolos, e sim revelado em sua verdadeira substância, isto é, enquanto mistério. As vestes não velam, mas desvelam um corpo esplêndido, e o fazem, aliás, de maneira ainda mais esplêndida, revelando-o em seu casto pudor. Pelo contrário, um corpo descaradamente desnudo fecha-se ao conhecimento, pois perdeu a partida com o pudor, que é de fato a profundidade misteriosa da vida e a luz desde o profundo. [...] Observa-se o fenômeno e percebe-se que ele é a casca de um númeno mais profundo».<sup>11</sup>



Em síntese, é este mesmo o dinamismo da razão: *a realibus, ad realiora!*<sup>12</sup> Das coisas reais às coisas mais reais! Ainda mais reais, não “irreais porque invisíveis”, mas sim realíssimas! Os desejos de vocês, mesmo sendo impalpáveis, inodoros e invisíveis, são realíssimos! Peguem o Seve ou o Francesco, descrevam-nos minuciosamente em cada detalhe exterior, quantificável, mensurável, seccionem o corpo deles (perdoem a imagem meio macabra!), vocês encontrarão os órgãos internos, mas não os desejos, as intuições, as lembranças deles. Mas temos certeza de que podemos dizer que não são reais, que nunca existiram?... Será que vocês poderiam dizer que conhecem Seve e Francesco, que esgotaram o conhecimento deles, só porque enfileiraram todos os ossos e contaram um por um os fios de cabelo? Falta a parte mais relevante! Falta o eu, a alma humana! O eu deles!! Os desejos deles! Onde estão os pensamentos deles, que misteriosamente viajam transportados por “circuitos elétricos”? São inapreensíveis, intangíveis, mas realíssimos! Assim também o amor é invisível, mas é realíssimo! O espírito humano é muito mais real do que aquilo que o cientificismo neopositivista tenta afirmar, somos mais do que a mera matéria de que somos feitos! O Papa Francisco disse: «Educar cristãmente é levar por diante os jovens, as crianças nos valores humanos »

<sup>9</sup> C. Di Martino, *La conoscenza è sempre un avvenimento, fala no Meeting de Rimini de 2009*.

<sup>10</sup> V.S. Soloviev, “Tre incontri”, in A. Asnaghi, *L'amante della sofia. Vita e pensiero di Vladimir Sergèevic Solov'ev*, Cernusco sul Naviglio (MI): CENS, 1990, pp. 87-91.

<sup>11</sup> Pavel A. Florenski, *Ai miei figli*, organização de N. Valenti, L. Zak, Milão: Mondadori, 2009, p. 206.

<sup>12</sup> Viacheslav I. Ivanov, *A realibus ad realiora, Poesie e testi scelti*, Roma: Lipa, 2018.

» em todas as realidades, e uma destas realidades é a transcendência. Hoje há a tendência a um neopositivismo [...]. O que não significa introduzir os jovens, as crianças na realidade total: falta a transcendência. Para mim, a maior crise da educação, na perspectiva cristã, é este fechamento à transcendência. Somos fechados à transcendência».<sup>13</sup>

### 3. O conhecimento como acontecimento

Agora Dom Gius sobe ao púlpito: em seu texto *Viver a razão*, falando com alguns universitários em 1996 – agora vamos prestar muita atenção, porque o título deste Tríduo enfatiza a dinâmica do conhecimento, vocês de fato conhecerão a verdade – então, enquanto me ouvem, sigam na tela lendo também vocês:

«Filosoficamente, ou seja, do ponto de vista da razão, qual é a posição diferente que o Movimento assume em relação a todos os outros grupos? Que posição diferente temos, do ponto de vista do olhar, da razão, da observação?»<sup>14</sup> Para nós, o ponto da questão está no fato de que «a realidade se torna evidente na experiência». Giussani retoma: «Escrevam esta frase, porque é capital. [...] A definição que ele deu agora é importante para mim [...]. A minha pergunta queria antes de mais nada dizer: “Rapazes, o que nos importa é a realidade”. Se uma coisa não é real, o que ela nos importa? Aquela coisa não pode servir para nós. Tudo é desvanecente, tudo é passageiro. A realidade nos importa. A realidade! Não: “A realidade é a verdade”, porque isto é sem sentido; mas: “a realidade é o âmbito em que a verdade subsiste”, é a figura com a qual a verdade coincide. Enfim: é verdadeiro o que é real, é real o que é verdadeiro. Pode-se usar, sem filosofar demais, a expressão “realidade e verdade”. Que lhes parece? Esta é a primeira coisa que sublinho. “Verdade”, portanto, coincide para nós com a palavra “realidade”. Que aconteceria, se para alguém essas palavras não fossem coincidentes? Aconteceria que pode existir uma verdade que não seja real. Mas que quer dizer isto? Onde está essa verdade? Onde se encontra? Nas névoas do subsolo ou no ar rarefeito?! A verdade é real. A palavra “real” indica algo “verdadeiro”. Tanto que as palavras “real” e “verdadeiro” podem trocar-se uma pela outra. Se é verdadeiro, existe; se não é verdadeiro, não existe. Se existe, é verdadeiro. [...] Verdadeiro e real têm um vínculo pelo qual um é o outro, implica o outro – ou, mais simplesmente, é o outro –. Quando as crianças perguntam: “É verdade mesmo?” – você está contando uma história, um conto, uma fábula, e eles dizem: “É verdade mesmo? É verdade verdadeira?” (que é a fórmula do ceticismo entre as crianças) – elas “replicam” e justificam aquilo que acabo de mencionar: é a realidade que interessa, pois a verdade está na realidade».<sup>15</sup>

Esclarecido este primeiro ponto, Giussani prossegue:

«Tendo dito isto da realidade – a realidade é verdade –, é preciso ir em frente: como é possível conhecer a verdade, como é possível conhecer a realidade? Como é que faz um cientista para conhecer uma estrela distante, que os antigos não teriam podido registrar? Só os telescópios modernos podem torná-la tão próxima que o cientista consegue analisá-la: deve, portanto, trazê-la para mais perto. Que quer dizer trazer para mais perto esta estrela distantíssima que para os antigos, mais sérios observadores, teria sido como que uma não-existência? Como fazem para torná-la existente? Para falar com ela como se estivesse presente? Como fazem »

<sup>13</sup> Francisco, *Discurso aos participantes do Congresso Mundial promovido pela Congregação para a Educação Católica*, 21 de novembro de 2015.

<sup>14</sup> “Viver a razão”. Notas de um diálogo de Luigi Giussani com um grupo de universitários, Milão, 21 de junho de 1996 (Equipe do CLU). *Passos-Litterae Communio*, n. 54, nov./dez. 1996. Disponível em [clonline.org](http://clonline.org).

<sup>15</sup> *Ibidem*.

» para tornar presente a si uma coisa que está distante? Somente se ela, esta coisa que está distante, entra na experiência. Que quer dizer que “entra na experiência”? Quer dizer que eu a vejo como se fosse este copo, como se fosse o amigo, como uma das coisas que agarro no conjunto formado por uma coletividade de pessoas e de coisas que desponta sabe lá de onde e que vai sabe lá para onde, mas que a certo ponto se torna evidente. [...] A realidade entra na nossa mira, como conteúdo do nosso jogo, da nossa atividade, e é agarrada por nós, na medida em que entra, em que a deixamos entrar, na experiência. Por isso, verdade e realidade fazem-se reconhecer na experiência. Mas o que é a experiência? Pensemos no verbo antes usado: “A realidade se evidencia na experiência”: na experiência torna-se evidente o que existe. E então, o que é a experiência? Poderíamos dizer: “A experiência é o tornar-se evidente da realidade”». <sup>16</sup>

Por fim, a última passagem diz respeito ao que mais nos interessa: a possibilidade de conhecer a Deus:

«Ora, para dirigir-se a Deus dizendo: “Deus do céu e da terra”, a pessoa tem de já ter feito experiência disto. [...] Se a pessoa nunca se perguntou: “A realidade, tudo isto, como é que existe? Quem é que a fez?”, se a pessoa nunca se perguntou isto, é como uma criança despreparada ou como um analfabeto diante de um texto a ser lido. Assim, eis o nosso método para esclarecer o problema do homem como religiosidade – que é o problema mais profundo e totalizante do homem –: é necessário antes de mais nada tornar experiência pessoal o relacionamento entre o homem e a realidade enquanto originada. É realidade, se entra na experiência. Mas como Deus faz para entrar na sua experiência?» <sup>17</sup>

O conhecimento é um acontecimento, isto é, um fato que se introduz como fator de novidade em quem está conhecendo: antes não sabia, agora sei! Uma virada num jogo de futebol, o resultado ainda não escrito de uma partida, um bebê que chegou e nunca é óbvio para um casal, um perdão inesperado, o encontro com a realidade dos Colegiais, o céu agora acima de nós, a lei da gravitação universal que a pessoa descobre quando um livro cai no seu mindinho ou um avião voa, a presença real de Cristo na Eucaristia, uma página para estudar, uma música para escutar! A realidade é algo que não pode fazer-se sozinha, autogerar-se, é dada, é um dom! Um encontro cognoscitivo acontece com aquela realidade chamada estudo, amigo, sacramento, Tríduo, me toca e eu, se o acolho, sou edificado por ele. O encontro tem uma dimensão de conhecimento, põe em marcha toda a dinâmica do conhecimento!

Portanto, para retomar o fio da meada, existe a dinâmica do conhecimento que envolve a existência do eu que conhece, o qual, com sua própria razão, encontra e apreende uma realidade que entra no alcance de sua liberdade, que com-preende, toma-com, consigo. No caso em que a realidade a ser conhecida seja o destino para o qual fomos feitos, seja aquele Infinito pelo qual o coração de Pavese e o nosso anseiam... o que acontece? Como sair disso??! Quem o apreende?? Como posso apreendê-lo?? De fato, se tenho de agarrar um microfone ou saborear um sorvete, é “simples”, mas e Deus? Eis a verdadeira e única revolução da história: não é você que precisa estender-se, “esticar-se” até Ele, mas exatamente o contrário, é Ele que se tornou como nós, que se tornou parte da experiência humana, fazendo-se carne! «Não te é dito: precisas esforçar-te para procurar o caminho que leva à verdade e à vida; não te é dito isso. Preguiçoso, levanta-te! O próprio caminho veio até ti »

<sup>16</sup> Ibidem.

<sup>17</sup> Ibidem.

» e te despertou do sono! [...] Levanta-te e anda!!!»<sup>18</sup>

Bem, retomada a introdução e esclarecido que a razão tem um poder de conhecimento capaz de apreender as profundezas da realidade, é preciso fixar o olhar agora no primeiro instante em que o Eterno entrou no tempo e no primeiro momento em que a razão encontrou o divino dentro de um fenômeno humano. «No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus. Ela estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por meio dela, e sem ela nada foi feito de tudo o que foi feito. Nela havia vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz brilha nas trevas, e as trevas não a dominaram. [...] Ela era a luz verdadeira, que, vindo ao mundo, a todos ilumina. Estava no mundo, e o mundo foi feito por meio dela. [...] A quantos, porém, a receberam, dei-lhes poder de se tornarem filhos de Deus: os que creem em seu nome, que foram gerados não do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. E a Palavra se fez carne e veio morar entre nós, [*Kaì ó λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν, Et Verbum caro factum est et habitavit in nobis*], e nós contemplamos a sua glória, glória como do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. [...] De sua plenitude todos nós recebemos, e graça sobre graça, pois a Lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo. A Deus, ninguém jamais viu. O Deus Unigênito, que está no seio do Pai, foi quem o revelou».<sup>19</sup>

#### 4. A encarnação, o método divino-humano

Eis a intuição que atravessou o coração e a mente do jovem Dom Giussani, aos 15 anos, em Venegono, quando estava no seminário:

«Para mim, tudo aconteceu como a surpresa de um “belo dia”, quando um professor do primeiro ano do colégio – eu tinha 15 anos – leu e explicou a primeira página do Evangelho de São João. Era obrigatório ler aquela página ao final de cada missa; eu a tinha ouvido milhares de vezes, então. Mas aconteceu o “belo dia”: tudo é graça. [...] Após 40 anos, [...] percebi o que me aconteceu quando o professor explicou a primeira página do Evangelho de São João: “O Verbo de Deus, ou melhor, aquilo de que tudo consiste, fez-se carne”, dizia, “então a beleza se fez carne, a bondade se fez carne, a justiça se fez carne, o amor, a vida, **a verdade se fez carne**: o ser não está num hiperurânio platônico, fez-se carne, é uma pessoa entre nós”».<sup>20</sup>

Mas então, o que significa dizer que podemos conhecer a verdade? A Virgem Maria, Pedro, João, André, Bartolomeu, Judas, Pilatos, Zaqueu, Mateus, a hemorroíssa, o centurião, o paralítico, o cego de nascença... todos eles eram homens – como nós! – que conheceram Jesus – um homem como nós –, que conheceram a Verdade, a Beleza, a Justiça que aquele homem era, verdadeiro homem e verdadeiro Deus! Eu espero que vocês leiam uma página do Evangelho todo santo dia! Para entenderem que o que vocês vivem hoje, o encontro dos Colegiais que vocês vivem hoje, está fundamentado no que aconteceu com os primeiros que O encontraram!<sup>21</sup> A dinâmica é a mesma, uma realidade (humana) que revela Outra Realidade (divina)! Quanto mais eles estavam com Ele, quanto mais O viam em ação, tanto mais a sua razão e o seu coração acusavam o golpe de uma realidade exorbitante, de um *algo* »

<sup>18</sup> Santo Agostinho, *Comentário ao Evangelho de São João*, Homilia 34,9.

<sup>19</sup> Jo 1,1-5.9-10;12-14.16-18.

<sup>20</sup> L. Giussani, “Como nasce um movimento”. Notas de um diálogo com os responsáveis de Comunhão e Libertação durante um encontro internacional em agosto de 1989. Disponível em *cl.org.br*.

<sup>21</sup> «Então, Pedro, pleno do Espírito Santo, disse-lhes: “Chefes do povo e anciãos, hoje estamos sendo interrogados por termos feito o bem a um enfermo, e pelo modo como foi curado. Ficai, pois, sabendo todos vós e todo o povo de Israel: este homem está curado diante de vós, por meio do nome de Jesus Cristo, o Nazareno, que vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos. Este é a *pedra que vós, os construtores, desprezastes e que se tornou a pedra angular*. Em nenhum outro há salvação, pois não existe debaixo do céu outro nome, dado à humanidade, pelo qual devamos ser salvos”» (At 4,8-12).



» *mais*, de uma superabundância humana que transbordava para além, como a denúncia em ato de que o que estava acontecendo diante dos seus olhos ultrapassava o horizonte humano da criação, encontrava sua consistência e origem em outro lugar, pescava em outro lugar, tocava os pés na terra, mas a origem era o Céu! E a dinâmica é exatamente essa que se repete constantemente no Evangelho, como se fosse uma intercalação: «E creram nele», portanto, crer está intimamente ligado ao raciocinar! Não é um fideísmo cego! Não é: «eu confio cegamente», mas sim: «eu confio porque vejo, precisamente porque vi!»

Mas vamos tentar, por um só instante, identificar-nos com o que acontecia na frente deles!

Pensemos comovidos na Virgem Maria, que, sem ter conhecido homem, vê, dia após dia, um bebê crescer dentro dela, em seu ventre que, aos pouquinhos, mês após mês, vai ficando como a barriga que vocês viram na sua mãe quando estava esperando pelos seus irmãozinhos mais novos! Sempre que vi alguma mãe amamentando, sempre pensei: «*Imagine que Jesus – Deus! – foi assim, ligado ao seio de uma mulher dessa maneira, pacífica e candidamente!*» Mas a razão, o coração, a inteligência de Maria, da Virgem Maria – que não conheceu homem e permaneceu sempre Virgem, antes do parto, durante o parto, após o parto –, mas a sua inteligência, quem sabe como estava comovida, surpresa, grata diante do que era tão real aos seus olhos; talvez, em um instante, tenha pensado consigo mesma: como é que isso foi possível? Desde que sou pequena, minha mãe Ana e meu pai Joaquim – que moravam em Jerusalém, que, uma vez casados, não tiveram filhos por mais de vinte anos, que, uma vez que nasci, me enviaram para a escola do Templo de Jerusalém – então eu, que não conheci ninguém até encontrar José... como é possível ficar grávida? como isso acontecerá? se não conheço homem? «O Espírito Santo descerá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra. [...] Para Deus, nada é impossível. [...] E o anjo saiu da sua presença.»<sup>22</sup> E sua razão permaneceu, terá permanecido, como atônita, e totalmente aberta e dócil à iniciativa da Trindade, para quem nada é impossível, nem mesmo que o divino entre no humano, através do “eis-me aqui” de uma jovem, como é pedido a vocês, a nós, dizermos o nosso “eis-me aqui!” Assim aconteceu conosco no dia do batismo, o Espírito Santo entrou em nós, a semente da vida divina já está em nós, é preciso cultivá-la!

E depois João e André – nunca será demais repetir e lembrar! – naquele primeiro instante. Foram como todos os dias, como era comum naquele tempo, até as margens do rio Jordão para ouvir um homem falar, um homem meio estranho chamado João Batista. Este, a certa altura, olhou para além daquela aglomeração de pessoas ao seu redor e viu passar um homem; por um instante, por uma fração de segundo, apontou para Ele e exclamou: «Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo!»,<sup>23</sup> e os dois que estavam ali com os olhos arregalados, de coração aberto, com a inteligência pronta para captar os sinais do real, esperando apreender uma resposta exaustiva para a própria vida, notaram a direção para onde o dedo estava apontando e saíram no rastro de um homem. Este homem, a certa altura, percebeu, talvez tenha ouvido o barulho dos passos deles ou a fala deles em voz baixa... enfim, notou-os e de repente se virou, eles ainda não sabiam que estavam diante do Deus-feito-carne aos olhos deles, e os olhos d’Ele... como os tinha olhado!? O Salmo 138 dá uma pincelada, fornece um afresco de como Deus está te olhando agora, como olhou aqueles dois naquele instante: «Senhor, vós me sondais e conheceis, sabeis quando me sento ou me levanto; de longe penetrais meus pensamentos, percebeis quando me deito e quando eu ando, os meus caminhos vos são todos conhecidos. A palavra nem chegou à minha língua e já, Senhor, a conheceis inteiramente. [...] Fostes vós que me formates as »

<sup>22</sup> Lc 1,35.37.38b.

<sup>23</sup> Jo 1,29.

» entranhas, e no seio de minha mãe vós me tecesteis. [...] Até o mais íntimo, Senhor, me conheceis; nenhuma sequer de minhas fibras ignoráveis, quando eu era modelado ocultamente, era formado nas entranhas subterrâneas. Ainda informe, os vossos olhos me olharam». <sup>24</sup> Ele os tinha olhado, os tinha transpassado, sentiram-se transpassados, atravessados, sondados, compreendidos como nunca antes, por um olhar que os interceptara e penetrara até a medula, de tão magnético! Dois olhos humanos que veiculavam o olhar divino! Com Seu olhar tão simplesmente humano e ao mesmo tempo divino, de maneira desarmante Jesus lhes perguntou: «Que procurais?» Entendem o quanto Deus é “humano”, que ternura ele tem? E eles se dirigem a Ele usando os títulos e os modos da época: «Rabi – que quer dizer Mestre –, onde moras?», <sup>25</sup> como que dizendo: «Será que poderíamos nos encontrar, gostaríamos, queríamos estar contigo. Não queremos incomodar demais, mas se pudesses dizer onde moras, enfim, poderíamos combinar...» Ainda com a força de Sua simplicidade (o cristianismo é simples assim, um convite!), Jesus lhes diz: «Vinde e vereis», vinde, claro, e vereis e *vos tornareis videntes, finalmente vereis*, ensinava o cardeal Ratzinger! «Foram, e viram onde morava, e permaneceram com ele aquele dia. Era por volta da hora décima.» <sup>26</sup> Queriam encontrá-Lo e O seguiram, mas dentro desse encontro, dentro desse diálogo, esculpido no coração, retido na memória e transcrito muitos anos depois no Evangelho por quem o viveu, estava todo o pressentimento da verdade, estava toda a espera deles pela verdade (igual à que vocês sentiram ao decidirem vir aqui: «Sinto que em Rimini haverá algo de bom, de verdadeiro, de bonito, de atraente») e estava como que a intuição de que aquele Rosto era a “realidade mais real” que já tinham encontrado! Vejam, vou ler uma contribuição muito simples, de um garoto de 14 anos que acabou de conhecer os Colegiais:

*Tenho 14 anos e, embora esteja na realidade dos Colegiais há pouco tempo, já me sinto amado como se conhecesse as pessoas que frequentam o Movimento desde sempre. Depois de um jantar para conversar e partilhar nossas preocupações ou alegrias, continuava surgindo em mim uma pergunta: o que é que me atrai todo dia na minha vida para ir ao lugar onde estão meus amigos dos Colegiais para estudar e conversar? Eu ainda não dei uma resposta completa, mas tenho certeza de que é algo imenso e maravilhoso.*

Pois bem, naquele encontro tão ordinário e extraordinário ao mesmo tempo, quando João e André estiveram na frente daquele Rosto, reconheceram-se já amados, já esperados, já desejados, já conhecidos, e então bastou muito pouco, uma fração de segundo, para surgir dentro do coração deles, dentro da razão deles, esta pergunta: por que Este homem aqui me atrai tanto assim? Por que esses amigos me atraem tanto assim? Por que esse Mestre está me atraindo tanto assim, a ponto de eu lhe perguntar o endereço, onde mora, onde habita, quando posso revê-lo? Tal como esse garoto dos Colegiais, João e André também ainda não tinham formulado na sua cabeça toda a “teologia”, toda a resposta completa, mas retiveram no coração uma certeza: aqui dentro, neste relacionamento, nesse Rosto há uma promessa confiável, há a promessa de algo imenso e maravilhoso! Gravaram tudo no coração e no cérebro e depois correram até os amigos pescadores, até Pedro e os outros, e a razão deles, enquanto contavam tudo aos amigos, revivia e expressava um juízo de correspondência cada vez maior entre o que tinham visto e eles mesmos, entre as exigências de bem e as evidências da razão e aquela realidade com que tinham deparado, que havia entrado na trajetória da experiência deles: «Encontramos o Messias!», <sup>27</sup> como se esse colegial que, na sala de aula ou no vestiário do futebol, dissesse a um colega: «Conheci esses caras dos Colegiais, bem que você poderia conhecê-los!» É como se João e André, no seu coração, tivessem »

<sup>24</sup> Sl 138(139),1-4.13.15-16.

<sup>25</sup> Jo 1,38.

<sup>26</sup> Jo 1,39.

<sup>27</sup> Jo 1,41.

» dito: «Se há Alguém que o povo de Israel espera, deve corresponder a este aqui, a este Jesus que encontramos antes! Ele deve ser o Messias tão esperado!» Não encontramos um bem assim em nenhum outro lugar, não encontramos um olhar assim em nenhum outro lugar! E os verbos empregados no Santo Evangelho de João são verbos muito comuns: «No dia seguinte, João estava lá, de novo, com dois dos seus discípulos. Vendo Jesus passar, ele disse: “Eis o Cordeiro de Deus!” Os dois discípulos ouviram-no dizer isso, e seguiram Jesus. Jesus voltou-se para trás e, vendo que eles o seguiam, perguntou-lhes: “Que procurais?” Eles responderam: “Rabi – que quer dizer Mestre –, onde moras?” Ele disse: “Vinde e vereis!” Foram, e viram onde morava, e permaneceram com ele aquele dia. Era por volta da hora décima». <sup>28</sup> Entendem como foi que a Verdade se fez presente e se faz presente? Ela entrou na órbita da nossa liberdade, tornando-se cognoscível e apreensível, no espaço e no tempo, desafiando a todos! São verbos que descrevem o nosso dia a dia: eu encontrei fulano, jantei com beltrano, participei da Assembleia com sicrano, na aula o meu professor X ou a minha professora Y disseram, no testemunho ele contou, li no livro de Francesca Pedrazzini, me convidaram para o Tríduo... dois mil anos depois, o método da encarnação não muda, ainda é o divino por meio de uma realidade humana! A dinâmica do conhecimento, deste ponto de vista, não muda! Deparamos com uma realidade humana que denuncia algo diferente de si mesma: «Você faz um encontro que descobrirá ter uma influência profunda e indefinida em sua vida. Cada um pode ter experimentado o que significa, às vezes, um encontro do ponto de vista espiritual. [...] Estou na presença de um mistério, ou seja, de uma realidade cujas raízes se estendem para além do que é problemático, propriamente dito. [...] Não posso mais me colocar realmente fora ou diante disso. [...] Estou envolvido, engajado nesse encontro, de certa forma faço parte dele: ele me abarca, mesmo que eu ainda não o compreenda». <sup>29</sup> «Os encontros tiveram uma função primordial na minha vida. Conheci pessoas em quem sentia tão viva a realidade de Cristo, que não podia duvidar delas». <sup>30</sup>

## 5. A fé, método de conhecimento da razão

Uma dinâmica profundamente racional com que o homem adere, pouco a pouco, àquilo que a realidade revela de si, até chegar ao Tu! Entendemos de uma vez por todas que a fé católica não requer uma renúncia ou abdicação do uso da razão, muito pelo contrário, exige-a, *fides quaerens intellectum*, <sup>31</sup> a fé floresce no terreno da razão <sup>32</sup> (com efeito, o caminho do conhecimento científico teve uma aceleração com os cientistas cristãos, a universidade nasceu com o cristianismo, o nascimento da própria Europa sofreu uma virada decisiva »

<sup>28</sup> Jo 1,35-39.

<sup>29</sup> G. Marcel, *Position et approches concrètes du mystère ontologique*, Nauwelaerts, 1967, pp. 60-61.

<sup>30</sup> G. Marcel, apud R. Latourelle, “Le témoignage chrétien”, *Bulletin de Liason du Centre Pedro Arrupe*, v. X, n. 4, dez. 2005, p. 16.

<sup>31</sup> «A harmonia fundamental entre o conhecimento filosófico e o conhecimento da fé: a fé requer que o seu objeto seja compreendido com a ajuda da razão; por sua vez a razão, no apogeu da sua indagação, admite como necessário aquilo que a fé apresenta» (João Paulo II, Carta encíclica *Fides et Ratio* sobre as relações entre fé e razão, 14 de setembro de 1998, 42).

<sup>32</sup> «O cientificismo e o positivismo recusam-se a “admitir, como válidas, formas de conhecimento distintas daquelas que são próprias das ciências positivas”. A Igreja propõe outro caminho, que exige uma síntese entre um uso responsável das metodologias próprias das ciências empíricas e os outros saberes como a filosofia, a teologia, e a própria fé que eleva o ser humano até ao mistério que transcende a natureza e a inteligência humana. A fé não tem medo da razão; pelo contrário, procura-a e tem confiança nela, porque “a luz da razão e a luz da fé provêm ambas de Deus”, e não se podem contradizer entre si. [...] Quando o progresso das ciências, mantendo-se com rigor acadêmico no campo do seu objeto específico, torna evidente uma determinada conclusão que a razão não pode negar, a fé não a contradiz. [...] Em certas ocasiões, porém, alguns cientistas vão mais além do objeto formal da sua disciplina e exageram com afirmações ou conclusões que extravasam o campo da própria ciência. Neste caso, não é a razão que se propõe, mas uma determinada ideologia que fecha o caminho a um diálogo autêntico, pacífico e frutuoso» (Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, n. 242-243).

» com o monaquismo!), a fé é um método de conhecimento da razão, chama-se *conhecimento por fé* (baseia-se na certeza moral, que é certa, embora diferente da certeza científica), e o nosso intelecto é muito mais solicitado, a fé solicita todo o nosso eu, até escancarar-se para além dos próprios limites e aderir e reconhecer o que a realidade diz de si mesma, a saber, que «a realidade é Cristo», Deus se revela dentro da realidade!

Mas um uso da razão encolhido, reduzido, enfraquecido, «a razão positivista, que se apresenta de modo exclusivista e não é capaz de perceber algo para além do que é funcional, assemelha-se aos edifícios de cimento armado sem janelas, nos quais nos damos o clima e a luz por nós mesmos e já não queremos receber estes dois elementos do amplo mundo de Deus». <sup>33</sup> Podemos continuar a viver de forma medíocre porque sofremos uma espécie de “submissão psicológica”, porque acreditar parece algo etéreo, nebuloso, vaporoso, indeterminado, em última instância irracional, mas, desculpem-me: quem usa mais a razão, quem desenvolve mais a sua natureza, aquele que tem a audácia de conhecer e reconhecer a realidade em sua totalidade de fatores, ou aquele que abandona o campo, encerrando prematuramente o jogo, fechando-se para essa possibilidade ou declarando-a impossível? Quem se aventura além das colunas de Hércules ou quem desiste da possibilidade de atravessá-las?! Fiquei muito impressionado ao ouvir, tendo perguntado ao telefone a alguns de vocês: «Por acaso você convidou algum colega de classe, você convidou suas amigas de dança, você propôs aos seus companheiros de futebol que viessem ao Tríduo?» «Não, sabe, Padre Fabio, eles não são religiosos... eles não são da Igreja...» Mas a razão é a mesma, o coração é o mesmo, eles esperam o encontro com Jesus! Jesus não pode ser reduzido a um *hobby* que alguns praticam e outros não! A diferença, portanto, está na maneira como concebemos a razão e em não censurar as perguntas presentes no coração! Peçam aos seus amigos adultos que contem sobre a troca de palavras entre Dom Gius e o professor de filosofia num intervalo de aula no Liceu Berchet, precisamente sobre a concepção de razão!

João, André e os outros discípulos tinham na sua frente um homem concreto, visível, acessível e que testemunhava Algo além de si mesmo! E depois as outras pessoas, os futuros fiéis, quem é que conheceram? Só a São Pedro? Não, através dele, Jesus. E quem conheceu São Francisco de Assis? Através dele, Jesus! E quem viu Madre Teresa, o mesmo! E nós?!? Também!!! Esta tarde vocês ouvirão em forma resumida esta frase de São João Paulo II, que Dom Gius quis que fosse incluída no Livrinho da Via Sacra do Tríduo e que nos faz entender bem a dinâmica do conhecimento e do encontro com o fato cristão hoje: «Talvez seja necessário acrescentar ainda uma palavra sobre Tomé. O Evangelho de João que lemos hoje fala-nos de Tomé, uma figura enigmática porque, quando todos viram Jesus Ressuscitado, ele não o viu e disse: se eu não vir, não acreditarei, se não tocar, não acreditarei. Nós conhecemos muito bem essa categoria, esse tipo de pessoas, inclusive jovens. Esses empíricos, fascinados pelas ciências, nós os conhecemos, são muitos, e são muito preciosos, porque esse desejo de tocar, de ver, tudo isso demonstra a seriedade com que se trata a realidade, o conhecimento da realidade. E eles estão prontos, se um dia Jesus vier e se apresentar a eles, se mostrar suas feridas, suas mãos, seu lado, então estarão prontos para dizer: “Meu Senhor e meu Deus!” (Jo 20,28). Acredito que muitos dos vossos amigos, dos vossos colegas de idade, têm essa mentalidade empírica, científica; mas, se um dia pudessem tocar Jesus de perto – ver o rosto, tocar o rosto de Cristo –, se um dia puderem tocar Jesus, se O virem em vós, dirão: “Meu Senhor e meu Deus!”» <sup>34</sup> Dentro da realidade humana que você é, a presença divina d’Ele!!! Que responsabilidade Deus nos confia! «Eu estarei convosco todos os dias», Ele nos disse! <sup>35</sup> »

<sup>33</sup> Bento XVI, *Discurso ao parlamento federal de Berlim*, 22 de setembro de 2011.

<sup>34</sup> João Paulo II, *Discurso aos jovens da diocese de Roma*, 24 de março de 1994, 6.

<sup>35</sup> Mt 28,20.

» Há uma expressão usada no Evangelho pelos discípulos de Emaús, que, ao relembra-rem o encontro com o Senhor Ressuscitado, exclamam: «Não estava ardendo o nosso coração, quando ele nos falava pelo caminho?»<sup>36</sup> O coração, que para a Bíblia é o centro sintético de todo o homem (da razão, da vontade e dos afetos), registra uma correspondência, algo que – a partir do termo latino *respondeo* – responde, que está à altura das perguntas do nosso coração, das *exigências* e das *evidências* do nosso coração, diz Dom Gius! E essa correspondência, quando ocorre, é um evento excepcional, tanto que, quando ela acontece, percebemos: «Olha como Jesus trata as mulheres, isso me corresponde! Como trata as crianças, isso me corresponde! Como trata as pessoas que encontra, isso me corresponde! Quero estar com meus amigos assim como Ele estava com eles!» Nos discípulos que, dia após dia, testemunhavam como Ele amava, orava, curava, na razão dos discípulos, na inteligência e no coração deles ganhava cada vez mais espaço a pergunta: «Mas quem é esse? Quem é esse a quem até o mar obedece? Quem é esse que expulsa os demônios? Quem é esse que levanta o paraplégico? Quem é esse que dá visão a um cego de nascença? Quem é esse?»<sup>37</sup> E também nós O contemplaremos esta tarde com nossa razão e o afeto de nosso coração, fortalecendo nossa fé, perguntando-nos: «Mas quem é esse que é injustamente crucificado, quem és Tu que, por amor a nós, mesmo sendo o Filho de Deus, carregas os nossos pecados, te deixas pregar no lenho da cruz?» E alguém pode continuar incessantemente ativando a razão, perguntando-se: por que esse adulto ao meu lado, com família e filhos, me acompanhou ao Tríduo? Como o meu professor ou minha professora, que é um/a Memor, consegue viver na virgindade durante os oitenta anos de sua vida, sem mulher, sem homem, compartilhando seu salário, renunciando a ter dinheiro? Qual Vida sustenta a sua vida? Quanto mais estavam com Ele, mais percebiam que entravam, adentravam na vida real, porque Ele era o Caminho, a Verdade e a Vida!

Agora, com os cantos que ouvimos, recuperamos essas etapas percorridas até agora: João e André (e nós com eles) foram reconhecidos por Jesus, olhados por Ele como ninguém jamais os olhou (“Você explodiu dentro do meu coração”). Antes estavam como que cegos, mas após a surpreendente Graça do encontro com Cristo, começaram a ver nas profundezas do real, pois Ele lhes dissera: «Vinde e vereis» (*Amazing grace*)!<sup>38</sup> Vocês verão o início de Outro mundo, já neste mundo! Não verão mais em “duas dimensões”, mas a profundidade, a origem, o Tu que está no fundo, o princípio e o cumprimento do gênero humano, o centro do cosmos e da história, a quem podemos chamar de Tu (*You*), como um amigo a um Amigo!<sup>39</sup>

## Segundo tempo

Estão cansados? Um pouco! Agora temos de nos adentrar no outro polo da frase «a verdade vos libertará».<sup>40</sup> Mas antes de descrever essa dinâmica, é bom precisar o que significa que nós encontramos a Verdade. Somos seus detentores? O Papa Bento XVI ensinou: «Ninguém pode dizer: tenho a verdade – esta é a objeção que se faz – e, justamente, ninguém pode ter a verdade [são as realidades superiores que “englobam” as inferiores, é a Verdade que »

<sup>36</sup> Lc 24,32.

<sup>37</sup> Cf. Mc 4,41.

<sup>38</sup> Jo 1,39.

<sup>39</sup> «Como eu dizia, falar com Jesus como um amigo fala a outro amigo. É uma graça que devemos pedir uns pelos outros: ver Jesus como o nosso amigo, o nosso maior amigo, o nosso amigo fiel, que não chantageia, sobretudo que nunca nos abandona, nem sequer quando nos afastamos d’Ele. Ele permanece à porta do coração. “Não, não quero saber de nada de ti”, dizemos. E Ele permanece calado, fica ali ao alcance das mãos, ao alcance do coração porque Ele é sempre fiel» (Francisco, *Audiência geral*, 28 de setembro de 2022).

<sup>40</sup> Jo 8,32.

» **toma posse de nós, não nós que a possuímos**]. É a verdade que nos possui, é algo vivo! Nós não somos os seus detentores, mas somos arrebatados por ela. Se nos deixarmos guiar e mover por ela, permaneceremos nela; se estivermos com ela e nela, se formos peregrinos da verdade, então ela estará em nós e por nós. Penso que devemos aprender de novo este “não-ter-a-verdade”. Como ninguém pode dizer: tenho filhos – não são uma nossa posse, são um dom, e como dádiva de Deus, são-nos dados para uma tarefa – assim não podemos dizer: tenho a verdade, mas foi a verdade que veio a nós e nos impele. Devemos aprender a fazer-nos mover por ela, a fazer-nos conduzir por ela. E então ela voltará a resplandecer: se ela mesma nos conduzir e nos compenetrar». <sup>41</sup> Mas quando foi que aconteceu essa Sua posse de nós? No dia do seu Batismo: 15 ou 16 anos atrás, foi isto o que aconteceu: «“Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gal 2,20). Vivo, mas já não sou eu. O próprio eu, a identidade essencial do homem – deste homem, Paulo – foi modificada. Ele existe ainda, e já não existe. Atravessou um “não” e encontra-se continuamente neste “não”: Eu, mas já “não” eu. [...] Esta frase é a expressão do que aconteceu no Batismo. O meu eu próprio é-me tirado e inserido num novo sujeito maior». <sup>42</sup> A natureza divina já se misturou com a nossa natureza humana, esta dinâmica já aconteceu para cada batizado: o Espírito Santo entrou em vocês, somos possuídos pela Verdade, mas a mantemos dentro de nós – perdoem-me a imagem – como um “pote fechado” que conservamos sem abri-lo ou esquecendo-nos de que o temos na despensa! Sem mendigá-Lo, sem percebê-Lo como a Vida na nossa vida, sem pedir-Lhe que tome todo o nosso ser! Que quer dizer que a Verdade nos possui, mais existencialmente? Ouçam como o Papa Francisco descreveu a mudança de vida de São Paulo. Vejam que São Paulo estava na nossa mesma situação: não conheceu Jesus como O conheceram Pedro e os demais Apóstolos que tinham vivido com Ele por três anos, mas O conheceu através de Estêvão, o Protomártir e depois no próprio diálogo pessoal com Ele, e depois na relação com São Pedro, com quem batia boca de vez em quando. Isto é, ele conheceu Jesus por meio do Seu corpo, que é a Igreja: «No caso de Paulo, o que o mudou não foi uma mera ideia ou convicção: para Saulo, o encontro com o Senhor ressuscitado – não esqueçais isto, aquilo que muda uma vida é o encontro com o Senhor – transformou todo o seu ser. A humanidade de Paulo, a sua paixão por Deus e a sua glória não foi aniquilada, mas transformada, “convertida” pelo Espírito Santo. O único que pode mudar os nossos corações é o Espírito Santo. E o mesmo é válido para cada aspecto da sua vida. Precisamente como acontece na Eucaristia: o pão e o vinho não desaparecem, mas tornam-se o Corpo e o Sangue de Cristo. O zelo de Paulo permanece, mas torna-se o zelo de Cristo. Muda o sentido mas o zelo é o mesmo. O Senhor é servido com a nossa humanidade, com as nossas prerrogativas e características, mas o que muda tudo não é uma ideia mas a verdadeira vida, como o próprio Paulo diz: “Se alguém está em Cristo, é uma criação; passou o que era velho; eis que tudo se fez novo” (2Cor 5,17). O encontro com Jesus Cristo muda-te a partir de dentro, faz de ti outra pessoa. Se alguém estiver em Cristo é uma nova criatura, este é o sentido de ser uma nova criatura. Tornar-se cristão não é uma maquiagem que te muda o rosto, não! Se fores cristão muda-te o coração, mas se fores cristão de aparência, não está bem... cristão de maquiagem não serve. A verdadeira mudança é do coração. E isto aconteceu a Paulo». <sup>43</sup>

O que aconteceu com São Paulo no encontro com o Senhor Ressuscitado? Como ele foi libertado? E para nós, o que significa, então, viver com essa liberdade? É claro que é preciso uma vida inteira para descobrir, mas por enquanto vamos ver de passagem!

Há vários aspectos dessa libertação, mas não podemos descrevê-los todos: poderíamos »

<sup>41</sup> Bento XVI, *Homilia*, 2 de setembro de 2012.

<sup>42</sup> Bento XVI, *Homilia da Vigília Pascal na noite santa*, 15 de abril de 2006.

<sup>43</sup> Francisco, *Audiência geral*, 29 de março de 2023.

» ficar falando sobre nos libertarmos do julgamento alheio no qual nos aprisionamos e ficamos bloqueados; ou sobre ficarmos livres das tendências da moda em roupas, músicas ou séries de TV; livres do medo (vão conhecer a vida do juiz Beato Livatino, houve uma bela exposição sobre ele no Meeting do ano passado);<sup>44</sup> livres dos inimigos (leiam a vida do Padre Pino Puglisi ou assistam ao filme sobre ele, também assassinado pela máfia, livre do poder mafioso da época, a ponto de não odiar ninguém, nem mesmo seus algozes); livres para usar o tempo gratuitamente: vocês já têm experiência com isso ao irem semanalmente para a caritativa. Livres do desempenho acadêmico hoje e do trabalho amanhã: um gosto e uma paixão pelo conhecimento, para construir a si mesmos e descobrirem as conexões na realidade, em vez de para satisfazer alguém ou obter um resultado efêmero, é muito mais fascinante descobrir a relação entre o particular e o Todo! Livres do instinto e do sentimentalismo com que tratamos amigos e afetos: para que o relacionamento seja um ato de lavar os pés uns dos outros, em vez de nos consumirmos numa pretensão ou num instinto... peçam aos amigos mais velhos que contem duas pérolas da vida de Dom Gius sobre um casal na rua e também o “episódio” em que ele vai com um grupo de amigos que depois começam a dançar, ele presente!

Mas a primeira “libertação” é nos tornarmos livres de nossas imagens de Deus. A revelação cristã «realiza uma crítica religiosa às religiões», como me diziam meus professores no Seminário. Muitos de nossos avós cresceram ouvindo os relatos de seus pais sobre essa “famigerada” tia que emigrou e foi viver na América para morar lá: naquela época, as fotos não eram tão comuns, as comunicações eram difíceis... então, quem sabe como essa tia americana realmente era! Os sobrinhos, portanto, que continuamente ouviam falar dela, se divertiram tentando imaginá-la e descrevê-la: “Para mim, ela é alta assim, para mim é gordinha, para mim é esguia, para mim tem olhos verdes, para mim tem cabelos castanhos”... cada um tentou descrevê-la de uma certa maneira, e então, finalmente, no Natal, a tia faz a grande viagem da América e se apresenta pessoalmente em casa, e assim todos os nossos esforços, meus e dos meus primos ou irmãos, para descrevê-la são chamados à correção, à conversão, a ceder lugar a como a tia realmente é (“prazer em conhecê-los, sou assim! Parem de me imaginar!”), fazendo desaparecer como pensávamos que ela fosse!<sup>45</sup> Eu pensava que Deus estava nos altos Céus, mas Ele se fez Menino e Seu corpo é a Igreja; eu pensava que Ele era um “grande marionetista”, um “diretor/roteirista” que já havia escrito todo o roteiro da minha vida e que eu só precisava representar um papel já atribuído, mas Deus já está em você<sup>46</sup> e é “co-protagonista” da história que vocês escreverão em comunhão, respondendo à sua vocação; eu pensava que tinha sido o Pai quem enviou a cruz ao Filho, mas o Pai estava com Ele, apoiando-O durante a provação, era justamente a Comunhão com o Pai e com o Espírito Santo que sustentou o Filho na cruz e em sua descida aos infernos. Eu o tinha reduzido a um conjunto de regras para obedecer, mas Ele veio para ser colaborador da minha Alegria, para que seja plena! Eu pensava que Ele fosse um grande seguro de vida, mas Ele se tornou companheiro de caminhada, ele segura a cruz comigo. »

<sup>44</sup> Cf. *Sub Tutela Dei. Il giudice Rosario Livatino*. Organização de G. Facciolo, M. Filippi, R. Masotto, S. Tormina, C. Torti, C. Tremolada, P. Tosoni, Castel Bolognese-Bo: Itaca, 2022.

<sup>45</sup> «O Deus dos filósofos é totalmente diferente do que pensaram dele os filósofos, sem deixar de ser, no entanto, aquilo que estes constataram a respeito dele, e que esse Deus só é realmente conhecido, quando se compreende que ele, a verdade por excelência e o fundamento de todo o ser, é também indistintamente o Deus da fé e dos homens» (J. Ratzinger, *Introdução ao cristianismo*, São Paulo: Loyola, 2005, p. 108).

<sup>46</sup> «A essa nova experiência de Deus segue-se, finalmente, como terceiro momento, a experiência do Espírito, a presença de Deus em nós, em nossa interioridade. E novamente se verifica que esse “Espírito” não é simplesmente idêntico nem ao Pai nem ao Filho, tampouco ele se estabelece como um terceiro elemento entre Deus e nós, de modo que ele está no ser humano e, apesar dessa “imanência”, está infinitamente acima dele» (Ibidem, p. 122).

» Ele purifica as imagens sobre Si mesmo, apresentando-se como Ele é!

Mas gostaria de me deter mais, devido ao Tríduo e ao que viveremos esta tarde, sobre nos tornarmos livres do pecado e de suas consequências, ou seja, da morte. Uma vez que alguém percebe isso e se dá conta, comovido, da obra realizada pela Trindade, aqui constrói a certeza da própria vida. Eu, por mim mesmo (como vimos na primeira noite), como poderei me libertar do pecado e de suas consequências, ou seja, da condição de morte? Eu, que sou uma criatura limitada, finita, como posso durar para sempre, dar-me a infinitude por conta própria? «Quem de vós pode, com sua preocupação, acrescentar alguma coisa à duração de sua vida?»<sup>47</sup> Se sou fraco, se peço, como faço para sair sozinho do pântano? Portanto, uma revisão do Catecismo da quarta série: Deus é a vida. A comunhão do homem com Deus é a vida. O que é o pecado mortal? A ruptura da comunhão com Deus.<sup>48</sup> Portanto, quem peca mortalmente, rompendo o relacionamento e separando-se de Deus, que é a Vida, já se encontra numa situação de morte, já sofre as consequências do pecado. «Deus criou o ser humano incorruptível e o fez à sua própria imagem e semelhança: foi por inveja do diabo que a morte entrou no mundo, e a experimentam os que são do seu partido.»<sup>49</sup> De fato, o diabo, invejoso de Deus e do Amor por Suas criaturas, procura de todas as formas separar-nos d'Ele, afastar-nos d'Ele, induzir-nos a romper o relacionamento com Ele; portanto, os que cedem à prática de um pecado mortal já experimentam a morte, porque se separam da Vida que é Deus. Assim, podemos ver que tudo está invertido: pode haver seres biologicamente vivos que estão “já mortos” e outros biologicamente mortos, mas vivíssimos porque em comunhão com Deus (os santos, nossos parentes já na Igreja Celeste). Então, para vencer o pecado e a morte, o que nosso Senhor Jesus Cristo quis fazer? Prestem atenção: Cristo, que é Deus e não conhece o pecado, tomou sobre si os nossos pecados, carregou o nosso pecado para libertar a nós, a mim! Como se eu tivesse uma doença e meu pai dissesse: «Eu a tomo para mim, tiro-a de você e a carrego sobre mim, eu sofro as consequências dela», para pregar o pecado no madeiro da cruz<sup>50</sup> e também para sofrer as consequências do pecado, ou seja, a morte, para descer aos infernos e derrotar a morte em seu próprio terreno,<sup>51</sup> e de lá ressuscitar! O diabo já “antecipava” tê-Lo derrotado, tê-Lo aniquilado na cruz, tê-Lo sepultado no esquecimento »

<sup>47</sup> Mt 6,27.

<sup>48</sup> «O pecado mortal é uma possibilidade radical da liberdade humana, como o próprio amor. Acarreta a perda de a caridade e a privação da graça santificante, isto é, do estado de graça. Se este estado não for recuperado mediante o arrependimento e o perdão de Deus, causa a exclusão do reino de Cristo e a morte eterna no inferno, já que nossa liberdade tem o poder de fazer opções para sempre, sem regresso. No entanto, mesmo podendo julgar que um ato é em si falta grave, devemos confiar o julgamento sobre as pessoas à justiça e à misericórdia de Deus» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 1861). «Para que um pecado seja mortal, são requeridas três condições ao mesmo tempo: “É pecado mortal todo pecado que tem como objeto uma matéria grave, e que, além disso, é cometido com plena consciência e deliberadamente”» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 1857).

<sup>49</sup> Sb 2,24.

<sup>50</sup> «São Pedro pode, portanto, assim formular a fé apostólica no projeto divino de salvação: “Tende consciência de que fostes resgatados da vida fútil herdada de vossos pais [...] pelo precioso sangue de Cristo, cordeiro sem defeito e sem mancha. Conhecido de antemão antes da criação do mundo, ele foi, neste final dos tempos, manifestado em favor de vós” (1Pd 1,18-20). Os pecados dos homens, depois do pecado original, são sancionados pela morte. Ao enviar seu próprio Filho na condição de escravo, condição de uma humanidade decaída e fadada à morte por causa do pecado. Aquele que não cometeu pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nele nos tornemos justiça de Deus” (2Cor 5,21)» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 602). «Jesus não conheceu a reprobção, como se Ele mesmo tivesse pecado. Porém, no amor redentor que sempre o unia ao Pai, nos assumiu na perdição de nosso pecado em relação a Deus, a ponto de poder dizer, em nosso nome, na cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15,34). Tendo-o tornado solidário a nós, pecadores, “Deus, que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós” (Rm 8,32), a fim de que fôssemos “reconciliados com Ele pela morte de seu Filho” (Rm 5,10)» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 603).

<sup>51</sup> «Como os filhos têm em comum a carne e o sangue, também Jesus participou da mesma condição, para destruir, com a sua morte, aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo. Assim libertou os que, por medo da morte, estavam a vida toda sujeitos à escravidão» (Hb 2,14).



» do reino dos mortos... mas amanhã veremos o poder do Ressuscitado!<sup>52</sup> Pelo contrário, estamos aqui hoje, após 2023 anos, filhos de Sua ressurreição!!! Precisamente a partir dessa vitória sobre o pecado e a morte, Ele gerou neste mundo uma história do Outro mundo, uma comunhão não apenas com os 3600 aqui presentes, mas com todos os santos, com a Igreja celeste: no meu escritório ou no meu quarto, vocês encontrariam muitas estatuetas e santinhos, não são devoções ou antiguidades, mas são os rostos de pessoas vivas em Cristo para eu contemplar e de cuja comunhão tirar força, como amigos e companheiros de um caminho já percorrido por eles: São Pampuri, Santa Rita, São João Paulo II, Santo Agostinho, São Tomás, São João Apóstolo, o Beato Rolando Rivi, Padre Pino Puglisi, Santa Ágata, Santo Homobono, os mártires da perseguição na Albânia e da Bósnia-Herzegovina, da Romênia, São Giuseppe Moscati, um santo médico que cai como uma luva neste Tríduo porque escreveu: «Ama a verdade; mostra-te como és, sem fingimentos, sem medos, sem reservas. E se a verdade te custar perseguição, aceita-a, e se for tormento, suporta-o. E se pela verdade tiveres de te sacrificar e à tua própria vida, sê forte no sacrifício».<sup>53</sup> Como é que Jesus enfrentaria essa circunstância? Como foi que Santa Gianna Beretta Molla a enfrentou? Como Moscati viveu o trabalho? Como os pais de santa Teresinha de Lisieux viveram a paternidade e a maternidade? Dom Gius amava repetir: «Busquem diariamente o rosto dos santos e encontrem descanso em suas palavras»;<sup>54</sup> «aos santos, que estão na terra, pessoas honradas, vai toda a minha estima» (Salmo 15)! «Não é o ídolo, mas o Santo que é feliz, o verdadeiro homem.»<sup>55</sup> Quantos santos temos entre nossos amigos, ajudemo-nos a descobri-los! O ídolo está tediosamente insatisfeito com sua própria fama e sucesso (quando o alcança!), o Santo fica surpreso, alegre e grato por ser imerecidamente um instrumento de salvação para outros. «Eu sou apenas um pequeno lápis nas mãos de Deus. É Ele quem escreve. É Ele quem pensa. É Ele quem decide. Repito: sou apenas um pequeno lápis», dizia Santa Madre Teresa de Calcutá sobre si mesma. Portanto, compreendemos que essa história de comunhão com a verdade e de libertação, que continua, esse encontro, nos introduz numa Comunhão ao mesmo tempo temporal e supra-histórica! Através da Comunhão, a Libertação.

Ouçam então, ouçamos o que acontece com quem faz experiência do encontro e do conhecimento de Cristo que nos liberta do pecado e das suas consequências, ou seja, da morte e do medo de morrer, graças ao testemunho de uma jovem que nos fala da doença e do nascimento ao Céu de sua mãe:

*Neste último mês, aconteceram infinitos milagres que me levaram à certeza de pertencer a Outro, à certeza de que minha vida e meu coração são construídos, criados, movidos e desejados por Deus. O principal milagre que me encheu dessa certeza foi a morte da minha mãe. Ela sofria de uma doença autoimune no fígado havia vários anos e estava esperando por um transplante havia um ano. No início do ano, passou por um primeiro transplante malsucedido e depois por um segundo, inicialmente bem-sucedido, mas que acabou resultando em complicações irreversíveis, até que finalmente abraçou Cristo. Durante esses dias de sofrimento, Ele sempre esteve presente e claro. A partir do dia do primeiro transplante. Sabendo que não tinha dado certo, assim que voltei da escola, senti a necessidade de correr para a igreja e lá me desesperar e gritar todo o mal que tomava meu coração: eu exigia »*

<sup>52</sup> «Como os filhos têm em comum a carne e o sangue, também Jesus participou da mesma condição, para destruir, com a sua morte, aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo. Assim libertou os que, por medo da morte, estavam a vida toda sujeitos à escravidão» (Hb 2,14).

<sup>53</sup> Bilhete escrito por Giuseppe Moscati no dia 17 de outubro de 1922.

<sup>54</sup> *Didaché* IV, 2.

<sup>55</sup> Cf. o capítulo 2 de L. Giussani, *A consciência religiosa no homem moderno*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 1988, agora em L. Giussani, *O senso de Deus e o homem moderno*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, pp. 101-108.

» *que minha mãe vivesse, ou, se Ele não quisesse me satisfazer, que pelo menos não me deixasse sozinha. Bem, fui ouvida, não fiquei mais sozinha. Naquela mesma tarde, alguns amigos de Rímíni vieram até nossa casa; à noite, 300 pessoas se conectaram conosco no Terço por ela, e nos dias seguintes uma companhia verdadeira e viva se uniu a nós, o que me impediu de negar a existência de Deus. Deus se fez carne para mim em todos aqueles rostos. Depois de três dias sedada, eles acordaram minha mãe e, uma vez informada da situação, ela fez acontecer o segundo grande milagre, ela se lembrou que pertencia a Outro e entregou sua vida nas mãos d'Ele. Numa gravação de áudio, ela disse: quer viva, quer morra, eu sou d'Ele, sou de Cristo. Aceito fazer Sua vontade, que é um pouco puxada, mas Ele foi para a cruz por mim, então posso aceitar isso. Esta é a certeza sólida da minha vida". Aqueles dias, que deveriam ter sido os mais dolorosos da minha vida, foram na verdade os mais bonitos, porque eu sabia que ela estava nas mãos de Alguém que sabia lidar com isso, e qualquer coisa que acontecesse venceria o mal e abraçaria meu grito como no primeiro dia. Quando minha mãe morreu, tudo ficou ainda mais claro. Na minha desesperança humana, eu era chamada e não conseguia deixar de sorrir, de ser grata, de amar minha vida e sua morte. Que fique claro, porém, que essa certeza não foi só algo episódico, porque assim que voltei à vida cotidiana, à escola e às novas responsabilidades que tenho, caí na raiva e na tristeza. Em três segundos, carreguei meu destino nos ombros e tentei me virar sozinha. Mas meu coração clamava, e Ele respondeu novamente e me lembrou que eu não tinha nada em minhas mãos, salvando-me através da única coisa que eu não havia preparado, um encontro inesperado. Eu tenho fome de Cristo, da plenitude que somente Ele pode me dar, e tenho fome sempre, a cada instante da minha existência, sive vivo, sive morior. Esta certeza não é comparável ou substituível por nenhuma coisa no mundo, nem mesmo minha mãe, e eu desejo tê-la para sempre.*

Acho que não há muito mais que acrescentar: Cristo, encontrado e conhecido porque presente na realidade do Seu povo e no Seu Corpo, que é a Igreja, por meio do batismo, nos liberta do pecado, da morte, do medo e, desde já, nesta vida, nos torna participantes da Sua Ressurreição.

Portanto, nesta tarde, que seus olhos fiquem bem abertos e seus corações e liberdade se expandam, pois na Via Sacra contemplaremos toda a dinâmica até agora descrita, toda a obra da salvação: Sua encarnação na história do povo de Israel, Sua paixão, Sua crucifixão e Sua descida à mansão dos mortos. Convido-os novamente ao silêncio, especialmente durante o caminho entre uma estação e outra, guardando em seu coração o movimento que o Espírito Santo despertar em vocês, provocado pela audição dos cânticos, das leituras e das meditações.

Muito obrigado pela atenção de vocês!